

Quando a esmola é demais, o santo desconfia: o fantástico e a sátira social em “Entre Santos”, de Machado de Assis

Cuando la limosna es demasiada, el santo sospecha: lo fantástico y la sátira social en “Entre Santos”, de Machado de Assis

When the alms are too much, the saint mistrusts: the fantastic and social satire in “Entre Santos”, by Machado de Assis

Gislei Martins de Souza Oliveira
Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT)

Resumo

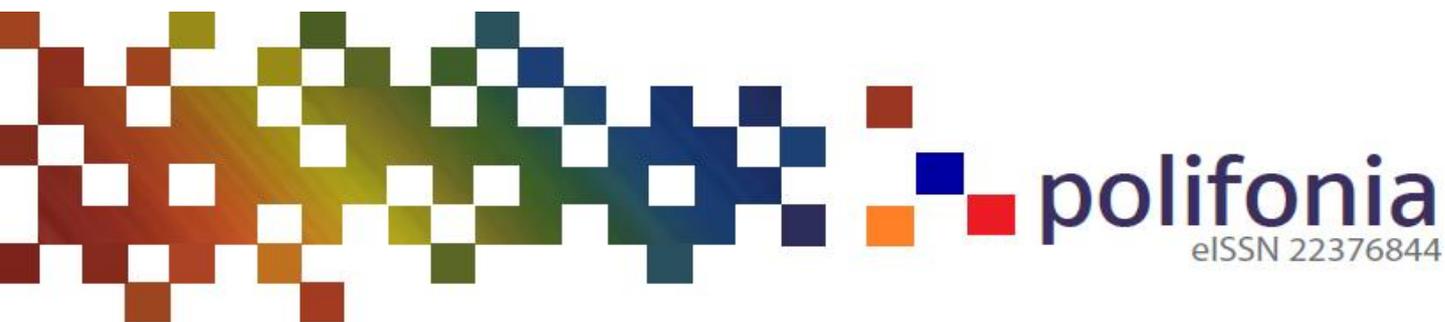
Propomos o estudo dirigido do conto “Entre Santos”, de Machado de Assis, com a finalidade de identificar elementos do fantástico configurados pelo autor na tentativa de erigir uma sátira à sociedade de seu tempo. Este conto apresenta uma narrativa em moldura que traz, de um lado, a história do capelão de S. Francisco de Paula posicionado como narrador-ator e, de outro, as histórias contadas pelos santos. Temos suporte na perspectiva de que o sujeito da enunciação referente à escritura fantástica constitui, assim como em outros textos ficcionais, uma figura relevante, porque produz o efeito de verossimilhança necessário à manutenção da ambiguidade. Nesse sentido, acreditamos que o narrador tem um papel fundamental na ficção fantástica, pois tende a reforçar a sua autoridade como testemunha da irrupção do sobrenatural. Além dessas considerações, vemos que a posição ocupada pelo narrador-ator em “Entre Santos” constitui uma estratégia narrativa que desvela o funcionamento da sociedade brasileira no século XIX.

Palavras-chave: fantástico, sátira, narrador.

Abstract

We propose the study of the short story “Entre Santos”, by Machado de Assis, with the purpose of identifying elements of the fantastic that were used by the author to satirize the society of his time. The short story brings, on the one hand, the story of the chaplain of San Francisco de Paula who is also the narrator-actor and, on the other hand, the stories told by the saints. The narrator of fantastic literature constitutes, as well as in other fictional texts, a relevant figure, because produces the effect of verisimilitude necessary to maintain ambiguity in the narrative. Thus, the narrator plays an important role in fantastic fiction, as he reinforces his authority as a witness to the emergence of the supernatural. In addition, the position occupied by the narrator-actor in “Entre Santos” is a narrative strategy that reveals the functioning of Brazilian society in the 19th century.

Key words: fantastic, satire, narrator.



Resumen

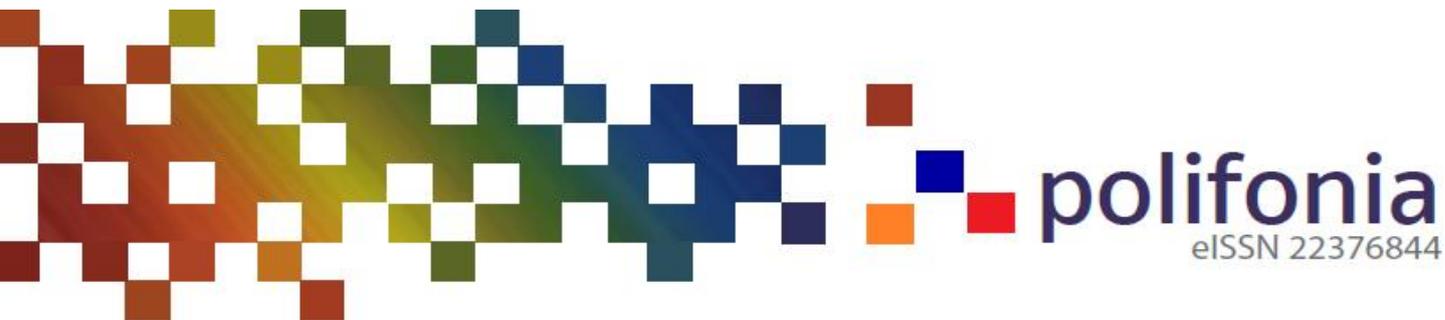
Proponemos un estudio dirigido del cuento “Entre Santos”, de Machado de Assis, con el propósito de identificar elementos de lo fantástico configurados por el autor en un intento de erigir una sátira sobre la sociedad de su tiempo. Este cuento presenta una narración enmarcada que trae, por un lado, la historia del capellán de S. Francisco de Paula posicionado como narrador-actor y, por otro, las historias contadas por los santos. Nos apoyamos en la perspectiva de que el sujeto del enunciado referente a la escritura fantástica constituye, como en otros textos ficcionales, una figura relevante, pues produce el efecto de verosimilitud necesario para mantener la ambigüedad. En este sentido, creemos que el narrador cumple una función fundamental en la ficción fantástica, ya que tiende a reforzar su autoridad como testigo de la irrupción de lo sobrenatural. Además de estas consideraciones, vemos que la posición que ocupa el narrador-actor en “Entre santos” constituye una estrategia narrativa que revela el funcionamiento de la sociedad brasileña en el siglo XIX.

Palabras clave: fantástico, sátira, narrador.

Introdução

A epígrafe de abertura do nosso trabalho pertence ao ensaio crítico denominado “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de nacionalidade” publicado por Machado de Assis em 1873. A assertiva indica a necessidade de uma literatura comprometida com as questões suscitadas em âmbito nacional, ou seja, situadas dentro do espaço cultural em que foram produzidas. Ponto nevrálgico da sociedade brasileira no XIX tendo em vista a necessidade de se afirmar o caráter tipicamente nacional da literatura, o que, nas palavras do próprio Machado de Assis, consistiu, para muitos românticos, em reconhecer a nacionalidade apenas nas obras que tratassem do elemento indiano e da cor local como patrimônio único do Brasil.

Dessa forma, grande parcela da literatura machadiana vai circular em torno da crítica às estruturas sociais e, acima de tudo, à própria tradição literária brasileira que reconhecia como nacional apenas as obras ligadas à natureza. Machado de Assis destaca a necessidade de reconhecer que esta perspectiva não pode mais servir de parâmetro indicador da nacionalidade, pois reprime uma compreensão mais ampla da nossa cultura. Com base nesse conjunto de ideias, o escritor carioca conseguiu construir um projeto

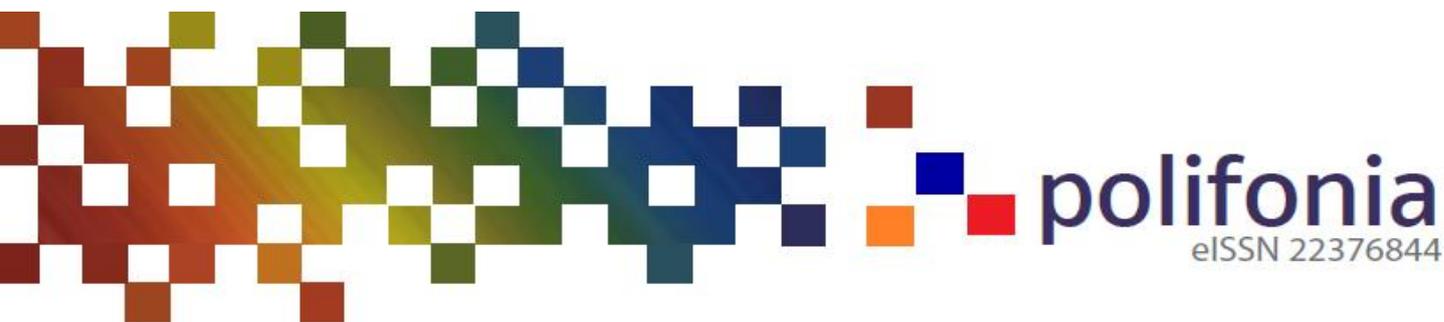


literário que extrapolou as tendências estilísticas impostas no seu tempo ao lançar mão de diversos recursos narrativos.

De acordo com John Gledson (1980), a segunda fase da obra machadiana tem início com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) e da coletânea de contos intitulada *Papéis Avulsos* (1882). Ambas as obras deixaram de lado, nas palavras do crítico, uma estrutura narrativa mais convencional para apresentar uma visão desabusada e pessimista sobre a cultura brasileira. A partir desse momento, Gledson sinaliza uma maior incursão da produção de Machado de Assis em relação ao gênero contista e, por isso mesmo, o emprego das mais diversas estratégias narrativas, como é o caso da recorrência ao fantástico.

O conto “Entre santos” foi publicado na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1886 e, dez anos depois, foi compilado na coletânea intitulada *Várias Histórias*. A partir de 1870, o Brasil começa a introduzir no imaginário nacional os ideais positivistas que eram baseados nas novas modalidades de pensamento que circulavam no continente europeu. O alicerce para esta maneira de refletir sobre os fatores sociais estava na afirmação das ciências e da razão, bem como na defesa da liberdade de expressão que, segundo as elites intelectuais brasileiras, viabilizariam o tão ambicionado progresso capaz de fazer o país ingressar nos trilhos de uma genuína modernização.

Se há, na história das ideias, um movimento de apagamento daquilo que não condiz com a verdade científico-racional em favor do desenvolvimento social, como explicarmos a manifestação do fantástico, no conto “Entre santos”, de Machado de Assis, no qual alguns santos conversam entre si sobre os vícios e atitudes dos devotos? Buscando responder a essa e outras questões suscitadas ao longo deste texto, propomos discutir o modo pelo qual o projeto literário machadiano busca mobilizar elementos fantásticos na tentativa de encenar aquilo que Gledson (1986, p. 17) chama de grandes e importantes verdades históricas, de surpreendente profundidade e amplitude.



1. O fantástico e a sátira social

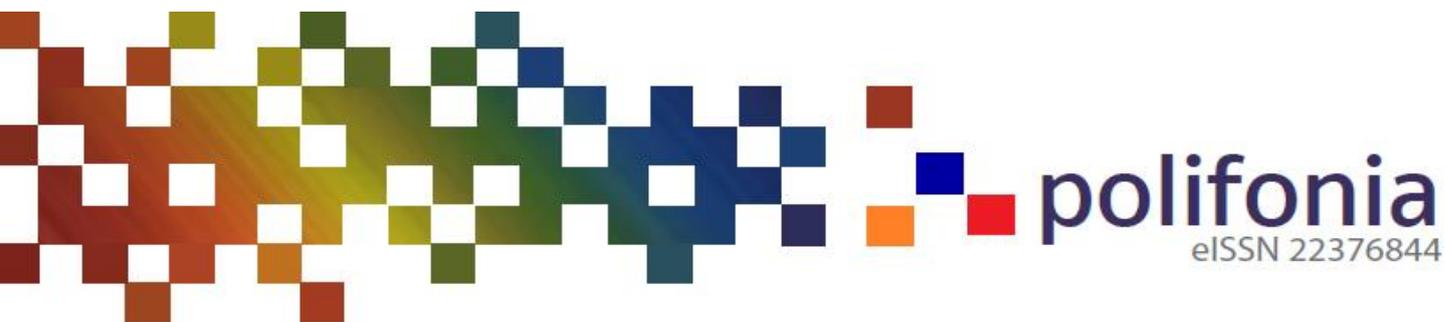
O conto “Entre santos” configura uma narrativa em moldura, trazendo, de um lado, a história do capelão de S. Francisco de Paula posicionado como narrador-ator e, de outro, as histórias contadas pelos santos a respeito das mais diferentes situações com os fiéis não cumpridores de promessas. Dessa forma, essa narrativa atesta a presença do fantástico na literatura machadiano como recurso literário que cria o efeito de hesitação e estranhamento diante dos fatos inusitados que trazem à tona o sobrenatural.

De acordo com Filipe Furtado (1980), o sujeito da enunciação referente à escritura fantástica constitui, assim como em outros textos ficcionais, uma figura relevante, porque produz o efeito de verossimilhança necessário à manutenção da ambiguidade. Para o teórico, o narrador da literatura fantástica atua preferencialmente como suporte da fenomenologia meta-empírica, visto conferir credibilidade pela “feição testemunhal” que finge assumir.

Seguindo a perspectiva de Furtado (1980), podemos observar que a condição para que o fantástico se materialize no discurso consiste em invocar a fenomenologia meta-empírica de forma ambígua, o que produziria um permanente efeito de incerteza:

A narrativa fantástica [...] encena a manifestação meta-empírica conferindo-lhe um grau de verossimilhança tão elevado quanto possível, enquanto deixa a porta entreaberta para uma explicação racional que quase conduza à sua reintegração na natureza conhecida. Simultaneamente, procura manter essa situação dúbia até ao fim da intriga e transmitir ao destinatário do discurso a indefinição dela decorrente. (FURTADO, 1980, p. 119)

Percebemos que o narrador-ator tem um papel fundamental na ficção fantástica, pois tende a reforçar a sua autoridade como testemunha da presença do sobrenatural. Eis o que ocorre em “Entre santos”, já que o narrador-ator capelão anuncia, desde o início do conto, que o fato a ser contado trata-se de “uma aventura extraordinária”, o que produz uma atmosfera dimensionada para a aparição do insólito. A posição ocupada pelo



narrador-ator enquanto membro eclesiástico configura, no conto de Machado de Assis, mais uma estratégia para dar verossimilhança à história.

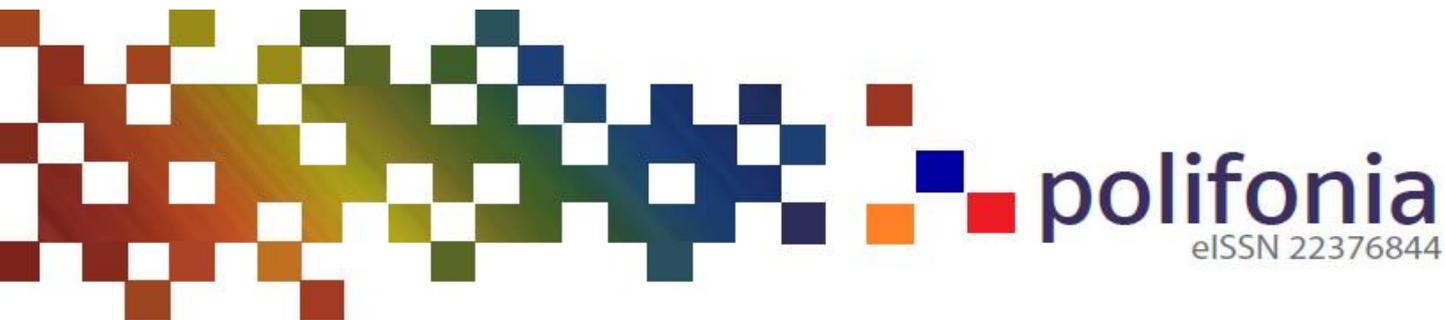
Sendo assim, retomando a narrativa, o capelão, ao verificar as trancas da porta, percebe ruídos dentro da Igreja, mas continua seu trajeto ao encontro do inimaginável. Com isso, ele insere o leitor dentro do universo fantástico em meio a um cenário construído estrategicamente pela mescla do real com o sobrenatural:

Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exata quanto que, se fosse realmente luar, teria deixado alguns lugares escuros, como ali acontecia, e foi num desses recantos que me refugiei. (ASSIS, 1995, p. 485)

Vemos que o narrador-ator descreve a luminosidade tangenciada pelo jogo dual entre claro e escuro, como se houvesse uma lua dentro da Igreja. Impossível seria descobrir a fonte dessa luz, tendo em vista a sua projeção imanente. Ora, essas palavras nos permitem destacar que, segundo Furtado, a ficção fantástica evoca “[...] um espaço híbrido, descontínuo, formado por associação de elementos dissonantes e reciprocamente excludentes, que constitua o fundo adequado à incerteza e indefinição da história.” (1980, p. 125).

E mais, Furtado (1980) acrescenta que o espaço híbrido é estratégico para a construção do fantástico na medida em que reúne em si tanto aspectos realistas (empírico) quanto alucinantes (meta-empírico). Como em uma espécie de arte cenográfica, o narrador-ator traz a caracterização do espaço referente à Igreja pelo jogo de luzes, tensionando a ocorrência do insólito frente ao sagrado/desconhecido. Esse espaço híbrido, figurado em âmbito sacro, produz o efeito de hesitação no leitor ao mesmo tempo em que brinca com elementos antitéticos: sagrado/profano, santo/humano, Deus/diabo, claro/escuro.

Quanto a isso, Maria Antonieta Jordão de Oliveira Borba (2004) assevera que a ficção machadiana “[...] é marcadamente configurada por apresentar perspectivas em



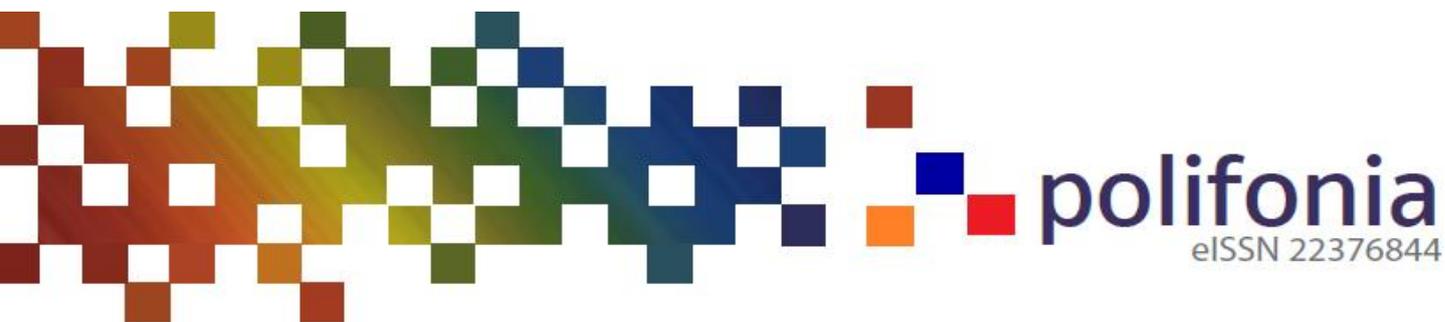
constantes confrontos. E não é por outro motivo que nosso grande escritor assina uma ficção de *vazios*, cuja importância reside justamente no fato de eles serem deixados assim mesmo, neste estado suspensivo.” (2004, p. 92). Diante de tais palavras, sublinhamos que Machado de Assis radicaliza o embate de diferentes visões de mundo, o que nos permite refletir sobre a situação ficcional que o autor criou para figurar o Brasil do XIX mediante a incerteza produzida pela configuração do fantástico no conto “Entre santos”.

Observamos, anteriormente, que a narrativa de “Entre santos” traz, em segundo plano, as histórias que os santos contam acerca das peripécias experimentadas pelos fiéis. Detemo-nos nesse segundo plano, pois acreditamos que nele Machado de Assis dissemina um efeito satírico mordaz que desmascara as faces da sociedade brasileira no século XIX. O discurso do narrador-ator configura os santos como “terríveis psicólogos” que adentram a alma dos fiéis dissecando-a como um cadáver, o que projeta a imagem do homem enquanto ser imundo e intocável.

Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que vêem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou germen de pecado. Mas não tive tempo de refletir muito; S. Francisco de Sales começou a falar. Tem cinqüenta anos o meu homem, disse ele, a mulher está de cama, doente de uma erisipela na perna esquerda. Há cinco dias vive aflito porque o mal agrava-se e a ciência não responde pela cura. Vede, porém, até onde pode ir um preconceito público. Ninguém acredita na dor do Sales (ele tem o meu nome), ninguém acredita que ele ame outra coisa que não seja dinheiro, e logo que houve notícia da sua aflição desabou em todo o bairro um aguaceiro de motes e dichotes; nem faltou quem acreditasse que ele gemia antecipadamente pelos gastos da sepultura.

_ Bem podia ser que sim, ponderou S. João.

_ Mas não era. Que ele é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacavelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre; ninguém os amou com mais zelo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-o às vezes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim. (ASSIS, 1992, p. 486)

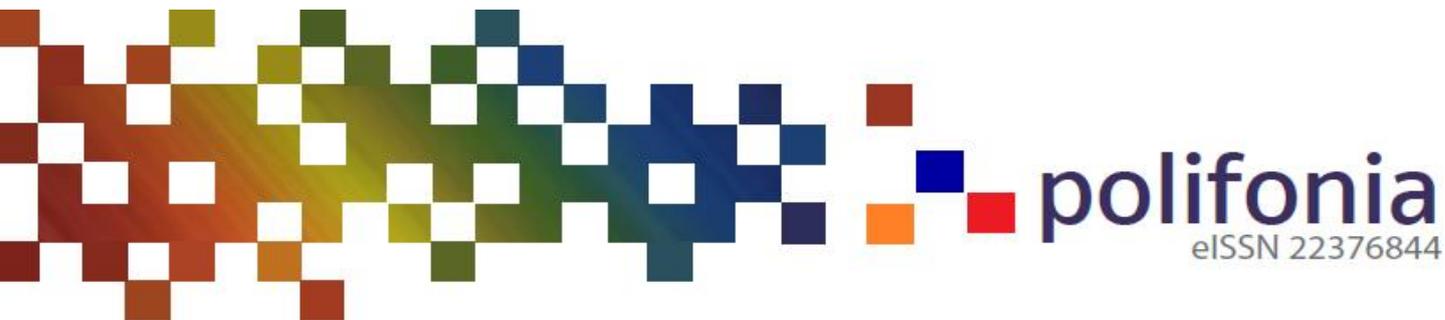


Se a narrativa fantástica desenha um espaço híbrido enviesado pela opacidade, vemos que a alma humana, considerada como inacessível até mesmo ao próprio homem, torna-se transparente quando metamorfoseada pelos olhos de S. Francisco de Sales. Pelo viés do olhar interposto ao vidro, o santo amplifica jocosamente os vícios do seu fiel homônimo. O discurso do santo diagrama o caráter de Sales num misto de imagens monetárias (“algibeira”, “ouro”, “prata”, “papel”, “cobre”, “armário de ferro”, “usurário”, “sobra”), imagens cristãs (“amor”, “dor”, “aflição”, “zelo”, “prontidão”), imagens morais (“avaro”, “sórdida”, “motes e dichotes”), imagens temporais (“morte”, “vida”, “horas mortas”), etc.

Tais considerações nos fazem recorrer ao estudo de João Adolfo Hansen (2004) que analisa a sátira segundo a tradição retórica articulada na poética de Gregório de Matos, conceituando-a como deformação caricatural que amplifica os vícios humanos num misto de monstruosidade. Híbrida, a sátira mescla valores antitéticos: alto/baixo, sério/ridículo, trágico/cômico, etc. O procedimento satírico em Machado de Assis encena uma forma de denúncia aos valores instituídos pela sociedade, descortinando as falhas humanas. A figuração burlesca do ser de papel, Sales, mostra uma amplificação da sua dimensão humana, porque imersa na relatividade própria da engrenagem social capitalista, opressora e exploradora.

Os valores sociais se estilhaçam levando em sua maré a integridade pessoal na medida em que está fundada naquilo que Antonio Candido (1970, p. 24) denomina como “opinião e manifestações dos outros”. Por meio desse estilhaçamento, a personalidade de Sales se bifurca, de um lado, pela opinião alheia¹, e, de outro, pela essência que constitui o seu ser, isto é, o amor conjugal.

¹ Vemos que o preconceito público quanto à personalidade de Sales se estende, até mesmo, ao juízo feito pelos santos, que a todo momento gracejam em relação à posição de São Francisco de Sales e no final lançam, sorratamente, um riso “modesto, tranquilo, beato e católico”, ou seja, sem querer ser irônico, mas sendo.



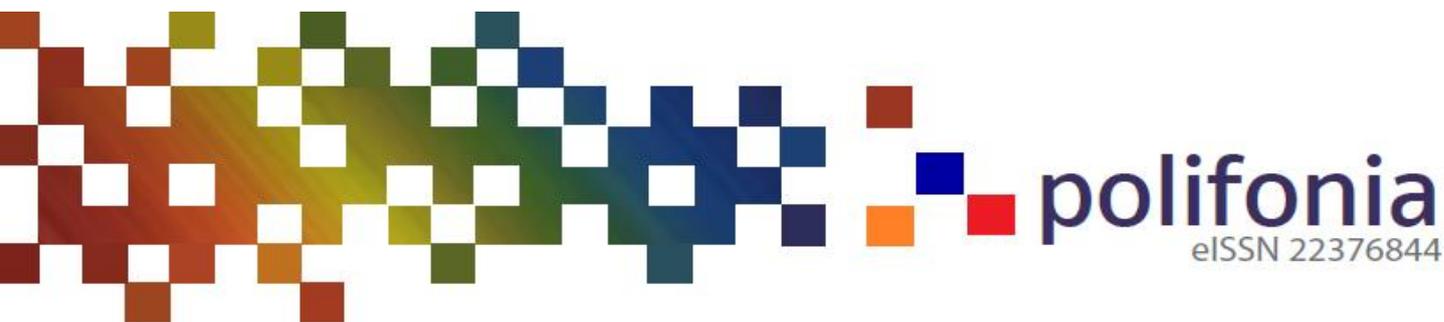
Acreditamos que o emprego do “armário de ferro, fechado a sete chaves” surge, apreciado no silêncio oco “das horas mortas”, como símbolo da clausura em que vive o homem frente à relatividade do ser, a qual insurge de dicotomias existências: social/pessoal, avareza/amor, etc. Por conseguinte, se a opinião pública vale para a definição do ser, destacamos no discurso de São Francisco de Sales o trecho em que, rebatendo a ponderação de São Miguel quanto à incredulidade do amor de Sales, afirma “[...] porque o mundo não vai além das aparências [...]” (ASSIS, 1992, p. 488)

Tal assertiva sugere o jogo dual entre aparência/essência que perfaz a figuração de Sales e mostra a ambiguidade da personagem. Esta, por sua vez, tinha como único entretenimento contar “anedotas da vida alheia”, já que é “regalo gratuito” e dispensa o investimento financeiro. Para Candido (1970), o dispositivo literário de Machado de Assis condensa algumas tópicos que o ligariam a uma estética ficcional moderna. Uma delas estaria relacionada à problemática da identidade, resultante da relativização dos limites entre razão e loucura.

O tema do olhar, também recorrente nas narrativas machadianas, surge mais uma vez com o intuito de assumir um lugar distanciado e, portanto, passível de interpor a crítica em relação à avareza da personagem Sales. De acordo com Alfredo Bosi (1999), a literatura machadiana constrói metáforas e imagens que revelam a perplexidade do leitor contumaz diante dela. O estudioso ainda acrescenta que a configuração do olhar, e consequentemente de diversas perspectivas, não é nada ingênua:

Olhar tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de *ponto de vista*. O olhar é ora abrangente, ora incisivo. O olhar é ora cognitivo e, no limite definidor, ora é emotivo ou passional. O olho que perscruta e quer saber objetivamente das coisas pode ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza. Quem diz olhar diz, implicitamente, tanto inteligência quanto sentimento. (BOSI, 1999, p. 10)

Nada escapa aos olhos do narrador que busca mapear os comportamentos humanos e, assim, poder estabelecer uma crítica aos valores da sociedade de seu tempo. Até mesmo a ciência está em crise no conto de Machado de Assis, pois é incapaz de curar



a moléstia da senhora Sales. Quanto a isso, recorremos a Vianna Moog (1934) para quem a ficção machadiana da segunda fase institui variações em torno da dúvida, como também da negação obsessiva não apenas no que tange aos homens, “[...] senão ainda todas as belas abstrações em que se comprazia o seu tempo. A história, a democracia, a sociologia, a ciência, a filosofia, a razão; tudo que o século passado tanto reverenciara, foi por ele negado” (Idem, p. 129).

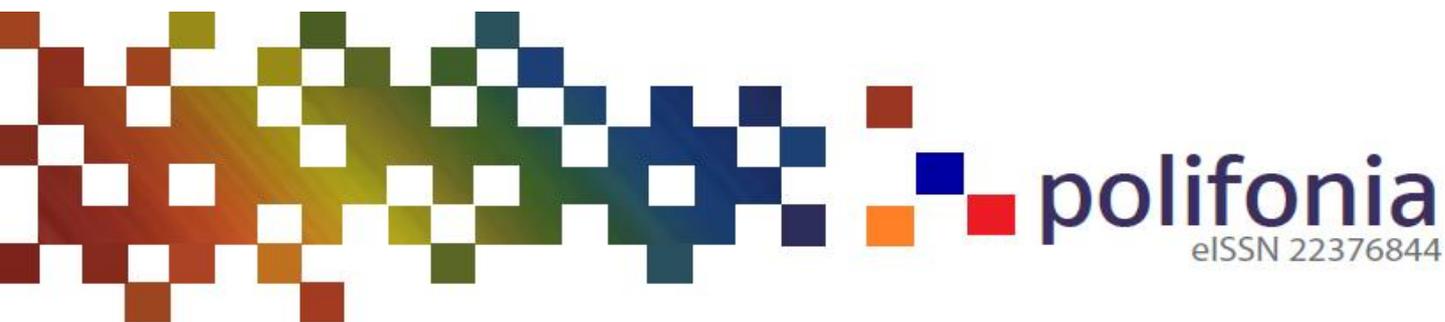
Tal negação perpassa o período histórico de crise que, segundo Gledson (1980), mais fascinava Machado de Assis. Sabemos que o século XIX constituiu um marco da transição da ordem aristocrática para os costumes burgueses. No esfacelamento do Segundo Império, vemos o surgimento de uma classe social, ligada ao capital internacional, que buscava integrar os valores da modernidade às transigências do poder patriarcal baseado na escravidão. Segundo Gledson, os romances machadianos

[...] são abordagens mais profundas (e, assim, mais desesperadas) de uma permanente e repetida incapacidade, por parte da oligarquia brasileira, de se comportar de maneira realista ou responsável, em face da mudança. Em certo sentido, é compreensível que os críticos tenham subestimado a importância da mudança histórica na obra de Machado, porque ele próprio mostra como pode ser ignorada, com efeito apenas marginal na sanidade (bem como explorada, com objetivos cegamente egoístas). (1980, p. 18-19)

Nesse contexto, Machado de Assis, de soslaio porque a imprensa estava sob censura², coloca a verdade na boca desse intermediário entre os homens e Deus, o que propicia a sátira quanto às limitações de uma sociedade usuraria, cujo sistema estava alicerçado na opressão, no acúmulo de bens por uma minoria, bem como na exploração escravocrata de base conservadora e antidemocrática.

Aqui, mais uma vez, percebemos a sátira social levantada por Machado de Assis a partir do lugar simbólico ocupado por Sales e o santo homônimo. Torna-se pertinente observarmos que o conto “Entre Santos” se vale dos recursos acumulados na tradição

² Muito pertinente é o estudo de Luiz Costa Lima (2002) que aponta como os desvios que Machado elabora nas crônicas, tal qual um “mestre de capoeira”, fazem parte de um procedimento empregado para dissimular a crítica político-social, visto que a imprensa estava sob censura à época.



literária brasileira a fim de mostrar como a sociedade de seu tempo estava permeada por uma ideologia de progresso apenas imaginada para o país, mas não consolidada em práticas efetivas. Por esse motivo, o recurso ao fantástico serve como a pedra fundamental para alicerçar uma crítica mordaz ao mandonismo e autoritarismo das elites.

Os santos também não estão isentos da precariedade existencial, visto que a quebra do preceito confessional faz deles figuras rebaixadas ao mesmo nível da condição humana. O discurso de Sales projeta-se na tensão do entre-lugar, entremeio, por isso ironicamente “entre santos”. Acreditamos que essa posição viabiliza a perspectiva maledicente por parte do santo, pois foge do lugar olímpico e o faz partilhar das limitações da sociedade descrita, como bem apontou Gledson (1980, p. 19) quanto à figuração dos narradores machadianos.

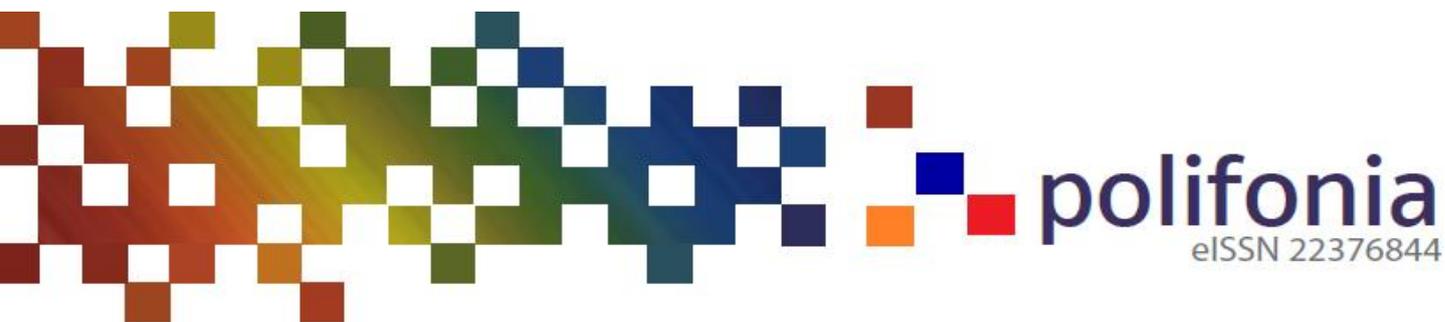
Daí a ênfase no olhar de São Francisco de Sales, que interposto ao vidro amplifica a figuração dos vícios do seu homônimo como forma de denunciar os males da sociedade brasileira do XIX. Olhar incisivo que contrasta com o olhar “brilhante e esperançado”³ e, ao mesmo tempo, “suplicante e melancólico”⁴ do usuário Sales.

Não entrou nunca em irmandades e ordens terceiras, porque nelas se rouba o que pertence ao Senhor; é o que ele diz para conciliar a devoção com a algibeira. Mas não se pode ter tudo; é certo que ele teme a Deus e crê na doutrina. (ASSIS, 1992, p. 488)

Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas. E o Sales, curvo, contrito, com as mãos postas, o olhar submisso, desamparado, resignado, pedia-me que lhe salvasse a mulher, e prometia-me trezentos – não menos, - trezentos padres-nossos e trezentas ave-marias. E repetia enfático: trezentos, trezentas, trezentos... Não via esta soma escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. (Idem, p. 490)

³ “Quando entrou trazia o olhar brilhante e esperançado; podia ser a luz da fé, mas era outra cousa muito particular, que vou dizer. Peço-vos atenção redobrada.” (ASSIS, 1992, p. 488)

⁴ “Agora a súplica dos olhos e a melancolia deles eram mais intensas e puramente voluntárias. Vi-os alongarem-se para mim, cheios de contrição, de humilhação, de desamparo.” (ASSIS, 1992, p. 489)



Nos extremos, a algibeira e a fé se inter cruzam num movimento agônico que unifica “[...] o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectativa do lucro.” (ASSIS, 1992, p. 488). A cena traz a dimensão trágico/cômico da incerteza em que vive a personagem Sales ao mesmo tempo em que evidencia a qualidade moral do santo/Igreja que se interessa mais pela algibeira do que pela fé, sugerindo a duplicidade entre ambos como faces de uma mesma moeda. Nessa perspectiva, não há, portanto, nada mais corrosivo contra a Igreja e contra o método das indulgências do que figurar os santos em pleno mexerico, vislumbrando a perda do lucro dado por mais um fiel.

No segundo fragmento, observamos a hipérbole que funciona gradativamente para que o leitor possa vislumbrar as cifras flutuando na órbita da Igreja. Desse modo, a dicção do santo teatraliza a dimensão plástica da oralidade na escrita que, trazida de forma entrecortada, amplifica ainda mais a contrição de Sales. A avareza surge personificada como o verdadeiro demônio que impede o pagamento monetário e real das promessas feitas aos santos, como também aparece em contradição ao alto número de orações a ser realizado como promessa para a cura da esposa amada. Por fim, deparamo-nos com a imagem referente à galhofa dos santos:

E os outros santos riram efetivamente, não daquele grande riso descomposto dos deuses de Homero, quando viram o coxo Vulcano servir à mesa, mas de um riso modesto, tranquilo, beato e católico. Depois, não pude ouvir mais nada. Caí redondamente no chão. Quando dei por mim era dia claro... Corri a abrir todas as portas e janelas da igreja e da sacristia, para deixar entrar o sol, inimigo dos maus sonhos. (ASSIS, 1992, p. 490)

Riso hiperbolizado para menos (“modesto”, “tranquilo”, “beato” e “católico”), que revela a técnica machadiana de sugerir “[...] as coisas mais tremendas da maneira mais cândida” (CANDIDO, 1970, p. 23). Riso elíptico que “deixa as coisas meio no ar”, fazendo com que o leitor fique perplexo diante da incerteza quanto à cura ou não da senhora Sales. O que resta é o coxo Vulcano servo dos deuses, mancando feito um bobo para agradá-los. Essa seria a imagem do Brasil vinculado ao capital internacional? Ou a

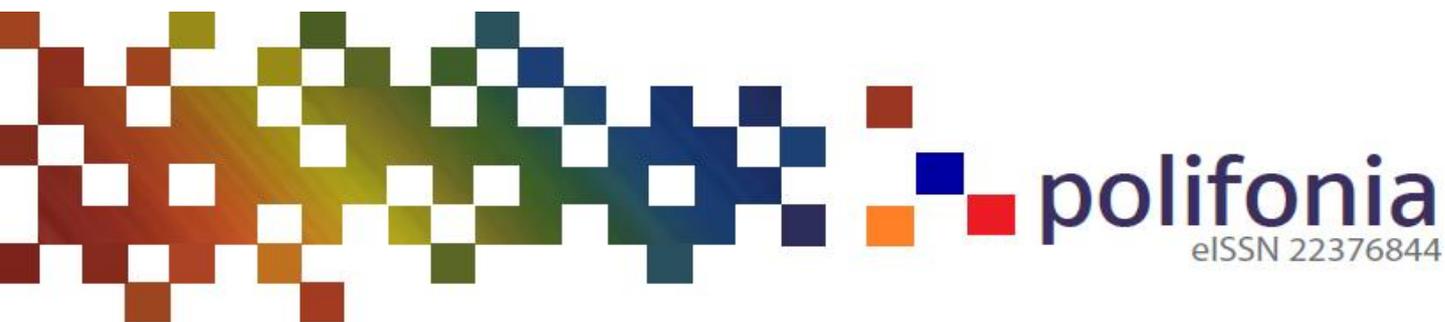


imagem da própria miséria do homem que vive num mundo de representação, cuja artificialidade, figurada pela perna de cera, encena o vazio e horror de seu tempo?

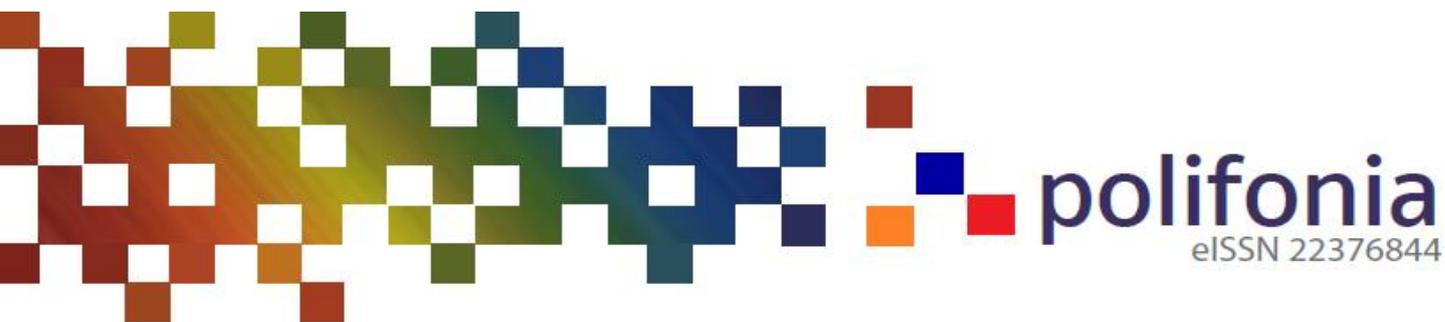
Ao final, o capelão de São Francisco de Paula sinaliza o término das histórias narradas pelos santos com uma cena na qual ele desperta de uma espécie de sono a ponto de cair no chão. Nesse instante, percebemos que o efeito de hesitação se estende à figura do leitor que pode indagar da veracidade do fato ou mesmo acreditar que seja apenas fruto da imaginação do capelão. A dúvida mais uma vez aparece como componente narrativo na obra machadiana, o que sugere o aprofundamento em questões basilares para a compreensão do ser humano e o seu lugar no mundo.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, apresentamos as configurações teóricas relacionadas ao surgimento do fantástico na tradição literária com o intuito de verificar como o narrador de “Entre Santos” mobiliza os recursos inerentes a esse gênero a fim de desvelar as estruturas de poder postas em cena no Brasil do século XIX. Sob o véu do fantástico, percebemos que o conto machadiano fomenta uma sátira social à realidade política brasileira da época, ainda baseada em preceitos aristocratas, transformando tudo em irrisão agônica aos olhos do leitor.

Nas palavras de Roberto Schwarz (1978b), Machado de Assis posiciona seus narradores com uma visão enciclopédica que os fazem circular entre assuntos dos mais diversos. Isso permite que as obras possam ultrapassar o critério local, que era prioridade para os intelectuais de sua época, e alçar um patamar universal ao tratar de assuntos relacionados à cultura brasileira.

Em outro momento, Schwarz aborda o caráter imitativo da produção literária do país que sempre buscou copiar modelos vindos de além-mar no intuito de adaptá-los à realidade local. O autor observa que há um “[...] sentimento de contradição entre a realidade nacional e o prestígio ideológico dos países que nos servem de modelo.”



(SCHWARZ, 1978a, p. 30). Nesse sentido, a reelaboração da ideologia de modernização da sociedade brasileira foi alvo da crítica mordaz realizada por Machado de Assis no seu projeto literário.

Por esse motivo, tentamos mostrar, ao longo deste trabalho, que a recorrência a diversos recursos literários referentes à ficção fantástica possibilitou a Machado de Assis tratar de assuntos de ordem social e fazer com que o leitor pudesse construir uma perspectiva sobre as contradições inerentes à formação do nosso Estado-nação. Com base nesse argumento, vemos de que modo o conto “Entre Santos” procura responder simbolicamente aos anseios por um projeto de nação que ultrapasse a modernização conversadora baseada apenas nas promessas de um progresso incapaz de abarcar a sociedade como um todo.

Referências

ASSIS, Machado de. Entre santos. In:_____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. v. 2.

_____. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Textualidades ficcionais e estética suspensiva. In: OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de (org). *Linhas de fuga: trânsitos ficcionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

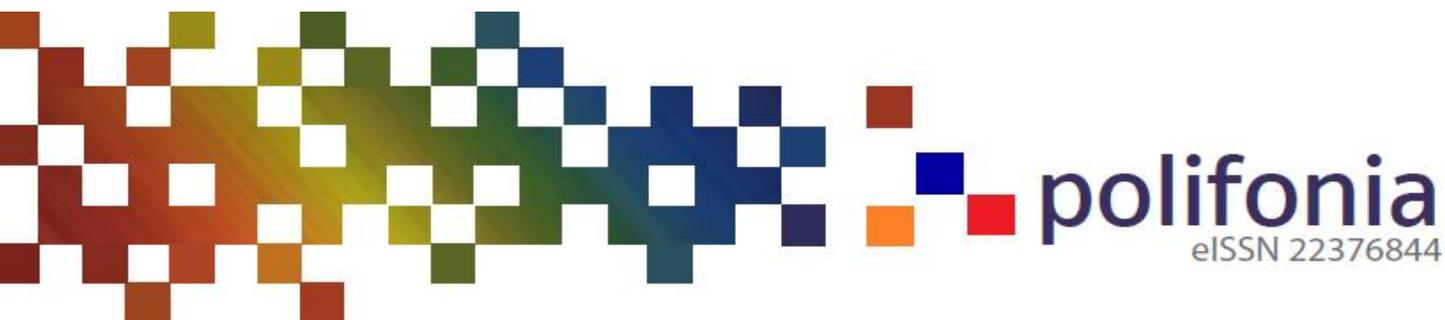
BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In:_____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2. ed. Campinas: Ateliê Editorial, 2004.



LIMA, Luiz Costa. Machado: mestre de capoeira. In:_____. *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002.

MOOG, Vianna. *Heróis da decadência*. Rio de Janeiro; Ed. Guanabara, 1934.

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. In:_____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. Nacional por subtração. In:_____. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978a.

_____. Duas notas sobre Machado de Assis. In:_____. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978b.